

# Coisas Que o Corpo Não Esquece



# Coisas Que o Corpo Não Esquece

Permita-se Sentir  
Leão de Fogo

Autor: Leão de Fogo

Foto da capa: christopher-campbell-unsplash

Foto do autor: elie-khoury-GidYc-unsplash

ISBN: 9789403889009

© 2026 Leão de Fogo

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, por qualquer meio ou forma, sem autorização prévia e por escrito do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, ou com acontecimentos reais, é mera coincidência.

As marcas, nomes de produtos, empresas ou entidades mencionadas nesta obra são propriedade dos seus respectivos titulares. O seu uso tem fins exclusivamente narrativos e não implica qualquer afiliação, patrocínio ou aprovação.

Publicado de forma independente através da plataforma **Bookmundo**.

## **índice**

1. O homem do café
  2. Entre dois quartos
  3. O verão que nunca acabou
  4. O desejo que não pedi
  5. O desejo servido à mesa
  6. A noite do reencontro
  7. Nós outra vez
  8. A porta que eu abri
  9. A noite que ficou entre nós
  10. Um bilhete só de ida
  11. O segredo do elevador
- Agradecimentos



Foto: alexander-mass-unsplash

## 1. O homem do café

Saí de casa para uma simples consulta de rotina, mas a manhã parecia pedir um desvio. Parei no primeiro café que encontrei e sentei-me numa mesa virada para o balcão. Pedi um café e uma nata, tentando acordar devagar.

Foi então que ele entrou.

Moreno, presença firme, camisa preta ligeiramente aberta que deixava adivinhar mais do que mostrava. Movia-se com uma confiança tranquila, como quem sabe exatamente o efeito que provoca. As calças de ganga moldavam-se ao corpo de uma forma que tornava impossível ignorar o seu “material”.

Pedi um café com um sorriso que parecia iluminar o espaço inteiro.

Apoiou o cotovelo no balcão, inclinando-se ligeiramente para a frente. O movimento fez a camisa abrir mais um pouco, o suficiente para me obrigar a engolir em seco. Sentia o meu coração a saltar só de imaginar como seria: nós os dois, ele dentro de mim, a beijarmo-nos numa praia deserta. Dei por mim incapaz de desviar o olhar. Havia algo na forma como ele respirava, como se apoiava no balcão, algo que me prendia ali, como se o tempo tivesse abrandado só para eu o observar. Como era bela aquela imagem, comecei a sentir as cuecas molhadas.

A certa altura, levantou o olhar direto para mim. Não foi um olhar casual, foi um olhar que avalia, que reconhece algo, que sente. Eu tentei disfarçar, mas era inútil. Ele sabia que eu o observava. E, pior ainda, parecia gostar disso.

Ele sorriu — um sorriso maroto, como se tivesse acabado de

descobrir um segredo sobre mim.

Depois, pegou no café e, de uma forma intencional, virou-se ligeiramente, oferecendo-me uma visão ainda mais provocadora da linha do seu corpo, da curva dos ombros, da forma como a roupa lhe assentava.

Estava na altura de ir embora, pensei.

Dirigi-me ao balcão para pagar, mas não conseguia tirar os olhos daquele homem. Ao aproximar-me deu para sentir o seu cheiro quente, amadeirado, com qualquer coisa que me fez perder o fôlego por um instante.

“Bom dia”, murmurou, num tom baixo que me percorreu a espinha como um arrepio.

Fiquei toda atrapalhada, quase sem ar, pois ele percebeu o meu estado de excitação.

Saí do café apressada, sem coragem de lhe responder, sentindo o corpo ainda a reagir àquele breve encontro.

Já no consultório, na sala de espera, tentei concentrar-me. A médica tinha saído de urgência e seria substituída por outro médico. Revirei os olhos — que chatice.

Mas os meus pensamentos voltaram imediatamente ao café.

Àquele homem. Àquele sorriso. À forma como se movia, firme, segura, com um rabo perfeito e dentes brancos que contrastavam com a pele morena. Só de recordar, o corpo aquecia de novo, como se a memória tivesse vida própria. Ficava toda excitada.

Fui arrancada dos meus devaneios quando ouvi o meu nome:

— Clara Cardoso ao gabinete 5.

Levantei-me, dividida entre a irritação por ter sido interrompida e o alívio de finalmente ser atendida. Entrei no consultório. A secretária estava do lado esquerdo, virada para a janela.

Cumprimentei o médico e sentei-me à sua frente.

O meu coração parou.

Era ele. O homem do café.

O ar do consultório pareceu ficar mais denso. Por um segundo, não consegui mover-me. Ele estava ali, sentado à minha frente, com a mesma camisa preta, agora coberta por uma bata branca que não escondia nada do que eu já tinha reparado no café.

Ele ergueu o olhar devagar, como se já soubesse exatamente quem ia encontrar. E, quando os nossos olhos se cruzaram, aquele mesmo sorriso maroto, o que me tinha desarmado horas antes, voltou a aparecer.

— Clara Cardoso? — perguntou, mas o tom não era o de um médico a confirmar um nome. Era o de alguém que reconhece um segredo partilhado.

Senti o calor subir-me ao rosto. Ele percebeu. Claro que percebeu.

— Parece que hoje nos cruzámos duas vezes — disse ele, folheando o meu processo com uma calma quase provocadora. A forma como segurava a caneta, como apoiava o antebraço na mesa, como inclinava ligeiramente o corpo para a frente... tudo nele parecia calculado para me deixar sem ar.

— Então, diga-me... — continuou, levantando os olhos para mim com uma expressão que misturava profissionalismo com algo mais difícil de definir — como se tem sentido ultimamente?

A pergunta era banal, mas o modo como a fez não era.

Eu engoli em seco.

— Hoje...? — respondi, tentando manter a compostura. — Hoje sinto-me... agitada.

Ele pousou a caneta.

— Imagino — murmurou, com um brilho nos olhos que me obrigou a desviar o olhar por um instante. O silêncio que se seguiu não foi desconfortável. Foi denso. Quase elétrico, como se o ar entre nós tivesse ganho vida própria.

— Agitada... — repetiu ele, com um tom que parecia esconder mais do que dizia. — Vamos auscultá-la?

Acenei que sim com a cabeça, tentando manter a compostura.

— Pode desabotoar a camisa, por favor?

O meu coração deu um salto tão forte que quase o ouvi. Ele aproximou-se com a calma de quem está no controlo da situação. O toque frio do estetoscópio na minha pele fez-me prender a respiração.

— Veio a correr? — perguntou, com um sorriso que não era inocente.

— Não... — respondi, demasiado consciente de cada batida do meu peito.

Ele inclinou-se ligeiramente, aproximando o rosto do meu ombro enquanto ajustava o estetoscópio, visualizando a linha dos meus seios.

— Então vamos respirar fundo — disse, num tom baixo que me percorreu como um arrepio.

A forma como ele falava, a proximidade, o cuidado deliberado nos gestos... tudo parecia calculado para me testar. E eu sentia cada segundo como se estivesse suspensa entre o que devia sentir e o que realmente estava a sentir.

Ele percebeu cada detalhe do meu estado — a respiração acelerada, o rubor na pele, a forma como eu tentava manter a compostura. Aproximou-se devagar, com uma confiança que me

desarmou, e inclinou-se até a sua boca quase tocar o meu ouvido.

— Quer fazer o exame completo? — sussurrou, num tom tão baixo que parecia deslizar pela minha pele.

O atrevimento dele deixou-me sem ar. Safado, pensei. Mas a minha voz saiu antes de eu conseguir controlar.

— Sim... o exame completo.

Ele recuou apenas o suficiente para me olhar nos olhos. Não havia pressa. Não havia inocência. Havia intenção. E eu senti o corpo inteiro reagir.

— Tem a respiração forte... — disse ele, observando-me como quem lê um livro aberto. — E as pupilas dilatadas.

Fez uma pausa, longa o suficiente para me obrigar a engolir em seco.

— Temos de tratar disso, não acha?

O meu coração batia tão alto que parecia preencher o consultório.

— Sim, doutor... como entender melhor — respondi, tentando soar firme, mas a voz traiu-me.

Ele aproximou-se outra vez, desta vez devagar, como se estivesse a testar até onde eu aguentava. A sua mão ajustou o estetoscópio roçando o seu dedo pelo meu peito com um cuidado quase provocador.

— Então vamos continuar — murmurou. — Mas preciso que colabore comigo.

O olhar dele prendeu o meu. Não era um olhar clínico. Era um olhar que dizia *eu sei exatamente o que está a sentir*.

— Consegue manter-se calma? — perguntou, sabendo perfeitamente que não.

— Vou tentar — respondi, sem conseguir desviar os olhos.

Ele sorriu. Um sorriso lento, perigoso, que parecia prometer mais do que dizia.

— Ótimo. Porque ainda falta muito para terminar.

O silêncio que se seguiu era tão denso que quase se podia tocar. As minhas pernas tremiam, o coração batia tão forte, sentia a minha vagina a contrair de desejo.

E naquele instante percebi que aquilo era um jogo. Um jogo onde nenhum de nós queria ser o primeiro a recuar.

— Vamos levantar e passar para a marquesa — disse ele, num tom calmo de mais para ser inocente.

Não consegui responder. A excitação era tanta que a voz simplesmente não saiu. Limitei-me a obedecer.

— Não se quer despir, devagar? — perguntou, com uma suavidade que escondia intenção. — Pode ajudá-la a sentir-se mais à vontade no exame.

A frase caiu entre nós como um desafio. E, apesar do nervosismo, senti algo dentro de mim a mudar.

Decidi não fugir.

Decidi entrar no jogo.

Comecei por tirar a camisa, já meio desabotoada, deixando-a deslizar pelos braços com uma lentidão calculada. Depois, levei as mãos à saia e deixei-a cair com a mesma cadência que aprendera nas minhas aulas de sedução — movimentos suaves, controlados, conscientes do efeito que provocavam.

Os olhos dele acompanharam cada gesto. Brilhavam. E havia algo ali — algo que não era apenas desejo, mas reconhecimento. Como se ele percebesse que eu tinha acabado de assumir o controlo de metade daquele jogo.

Ele aproximou-se devagar, sem pressa, como se estivesse a avaliar cada centímetro do espaço entre nós. Olhou para o meu